

## UMA PERSPECTIVA FEMININA NEGRA DE FUTURO: ANÁLISE DO AFROFUTURISMO NOS ÁLBUNS DE JANELLE MONAÉ, FKA TWIGS E CHLOE X HALLE<sup>1</sup>

Antonio Ezequiel Alves VIEIRA<sup>2</sup>  
Helena MARTINS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

O fim das sociedades escravagistas não significou o fim das dificuldades das comunidades afrodiáspóricas. Porém, atualmente, estas propõem discussões sobre perspectivas de futuro possíveis, formulando o chamado afrofuturismo, inclusive por meio da arte. Este trabalho analisa aspectos afrofuturistas em produções audiovisuais: *Magdalene* (2019), de FKA Twigs; *Ungodly Hour* (2020), de Chloe x Halle e *Dirty Computer* (2018), de Janelle Monáé. Para tanto, apresenta conceituação do termo afrofuturismo, a partir da definição do escritor Mark Dery, e analisa a presença dessa perspectiva nas produções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afrofuturismo; Música; Afrodiáspora; Arte: Futuro.

### Introdução

O racismo estrutural é o principal meio pelo qual a sociedade capitalista e branca, expandiu-se da Europa ao mundo, por meio da colonização. Assim, subverteu outros modos de vida e construiu um processo de hierarquização e opressão, retirando dos povos negros uma possibilidade imagética autoral sobre presente e futuro. Para a antropóloga brasileira Lélia González, “[...] o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação.” (GONZALÉZ *apud* RIBEIRO, 2018).

A partir dos anos 1960, em um momento de ampliação do debate sobre racismo e de demandas de representatividade, emergem as narrativas afrotuturistas. Isso porque,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará, e-mail: [antonioezequiel@alu.ufc.br](mailto:antonioezequiel@alu.ufc.br).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, e-mail: [helena.martins@ufc.br](mailto:helena.martins@ufc.br).

em um mundo fissurado no futuro e na tecnologia, negros não existiam em ficções científicas, no futuro.

Um dos precursores do Afrofuturismo foi o artista Sun-Ra<sup>4</sup>, que através da mitologia, construiu perspectivas em que a população negra existia longe de uma lógica social racista. Sun-Ra trazia a narrativa de que o negor poderia imaginar novos futuros e novas realidades. Seguindo essa perspectiva, este artigo volta-se à análise do afrofuturismo na música, debruçando-se sobre clipes antes mencionados.

### **Afrofuturismo na arte**

O termo foi cunhado pela primeira vez na obra *Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose* in *Flame Wars: the discourse of cyberculture*, do escritor estadunidense Mark Dery, que definiu a expressão como: “Ficções especulativas que tratem de temas afro-americanos e que abordam preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século XX” (DERY, 1994: 180). Dery “estava preocupado em investigar, a partir das discussões sobre cibercultura e tecnologias computacionais do final dos 1980 e início dos 1990, o impacto desses novos dispositivos de conectividade e interação no universo da cultura pop dos EUA.” (FREITAS, MESSIAS, 2018: 03).

O afrofuturismo é a ideia de enxergar o corpo negro além da realidade em que o racismo, a violência, a intolerância coexistem. Para Ytasha Womack, o afrofuturismo é “uma reelaboração total do passado e uma especulação do futuro repleta de críticas culturais [...], uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação” (WOMACK *apud* FREITAS, MESSIAS, 2015: 30).

Assim, a arte ocupa, aqui, um lugar de destaque por sua possibilidade de expressar outros possíveis. As artistas selecionadas são todas negras, com cerca de 35 anos, portanto, de uma geração que tem vivenciado intensas transformações digitais.

### **2.1. Magdalene**

Tahliah Debrett Barnett, conhecida como FKA Twigs, nasceu em Cheltenham, Gloucestershire, descendente de pai jamaicano e mãe inglesa. Seu terceiro álbum de

---

<sup>4</sup> O músico trabalhava em suas músicas elementos visuais que remetiam à cultura egípcia atrelados a elementos futurísticos e intergaláticos. No filme musical “*Space is the Place*”, de 1974, Sun-Ra narra a história de uma entidade negra vinda de outra galáxia. O objetivo dele é levar a população negra para este novo planeta.

estúdio, o *Magdalene*<sup>1</sup> (2019), é marcado com vários elementos fantasiosos e futurísticos.

Em *Bad Days*<sup>1</sup>, FKA interpreta uma personagem que, ao sonhar, emerge em uma realidade *Cyberpunk*, como uma ciborgue, e trava uma luta de espadas com outra personagem. Em “*Black to future*”, Mark Dery discute juntamente com a socióloga e escritora americana Tricia Rose a figura do ciborgue: Uma união entre o homem e a máquina, representa um ser evolutivo, desenvolvido e pertencente ao futuro, porém sempre associado ao masculino, nunca ao feminino: “[...]O ciborgue tem sido construído pelo discurso patriarcal” (ROSE *apud* DERY, 1994: 61).

Twings traz a ideia do ciborgue por uma perspectiva da mulher negra, que ocupa um espaço antes negado.

Em *Cellophane*<sup>2</sup>, FKA interpreta uma personagem que emerge em outra realidade ao se deparar com uma entidade angelical, porém robótica, que a leva para outra realidade fantasiosa, onde se aprofunda na sua própria mente, rodeada de seres não-humanos.

Interessante notar que a reivindicação de uma leitura feminista sobre a tecnologia tem sido expressa há décadas. É o caso de Dora Haraway e seu “Manifesto Ciborgue”-que desenvolve uma crítica feminista da ciência e da categoria mulher resultante de uma política de identidade- aponta que o ciborgue “seria uma metáfora dessa nova política em um mundo marcado de forma crescente pelo binômio ciência e tecnologia, no qual as fronteiras entre humano e animal, organismo e máquina, e entre físico e não físico mostram-se fluidas” (FONTGALAND, CORTEZ, 1995, online), daí a defesa da apropriação da tecnociência pelas mulheres.



*Sad Days* (2020)



*Cellophane* (2019)

## 2.2. Ungodly Hour

Chloe x Halle, duo estadunidense composto pelas irmãs Chloe e Halle Bailey e formado em 2013, traz no álbum *Ungodly Hour* (2020), especificamente nos clipes de *Ungodly Hour*<sup>5</sup> e *Forgive-me*<sup>6</sup>, referências afrofuturistas

Em *Ungodly Hour*, as cantoras permanecem durante todo o clipe em um cenário preto, sem tempo e espaço definidos. Vestidas de prata, cor usada para remeter futuro, comum na literatura *Cyberpunk*<sup>7</sup>, são iluminadas por canhões de luz da mesma cor. Elas se mantêm em destaque na maior parte do clipe, cuja música trata de autovalorização.

Em *Forgive-me*, também não há tempo e espaço exatos. São usadas cores verdes e prateadas, fumaças também são elementos marcantes. Em algumas cenas, as personagens também possuem luzes nos olhos e nas mãos, como ciborgues. Apesar da música tratar de problemas de relacionamento, elas aparecem mostrando força e autonomia. Em alguns momentos, usam uma cadeira semelhante a um grande trono. As cantoras estão em destaque todo o tempo, ao passo que os homens dançarinos não.

<sup>5</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=OwZ\\_hodT5CA](https://www.youtube.com/watch?v=OwZ_hodT5CA)>. Acesso em: 25 jun. 2022

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Bc9Y58TeZk0>>. Acesso em: 25 jun. 2022

<sup>7</sup> Movimento de contracultura que traz universos urbanos futuristas, com uma visão pessimista em relação a uma sociedade degradante. Um dos expoentes do gênero foi o escritor William Gibson, na obra *Neuromancer* (1984), apresentada por Mark Dery.



*Ungodly Hour* (2020)



*Forgive-me* (2020)

### 2.3. Dirty Computer

“*Dirty Computer*” (2018) pela cantora norte- americana Janelle Monáe, narra a história de Jane 57821, interpretada pela própria artista, que nasceu nos subúrbios de Kansas City, em uma família pobre. A leitura sobre a tecnologia que aparece aqui é mais crítica. A personagem vive em uma sociedade distópica na qual pessoas dissidentes chamadas de “*dirty computers*”, passam por um processo de lavagem cerebral para se adequarem ao regime ditatorial vigente.

O musical acompanha as memórias de Jane ao lado de seus companheiros. Diferente dos outros clipes analisados, aqui a história se dá em cenários que existem em diversas cidades hoje, havendo, portanto, uma vinculação maior ao presente, com suas contradições.

Ao longo das 13 faixas, é apresentado um futuro em que a população negra existe, porém sob repressão, realidade comum nas ficções afropessimistas, apresentadas por FREITAS e MESSIAS: Embora a população negra tenha resistido aos avanços da humanidade, ainda é alvo das consequências da escravidão.



*Dirty Computer* (2018)

## CONCLUSÃO

Neste artigo, observou-se diferentes expressões do afrofuturismo, a partir da análise de três produções audiovisuais musicais. Partiu da compreensão sobre o afrofuturismo como perspectiva para a construção de um imaginário afrocentrado. Notou-se aspectos como a vinculação à tecnologia, que aparece também como questão em disputa, porém também como luz, brilho. Há também a forte recorrência da autovalorização das mulheres, sobretudo nos dois primeiros casos. Neles, também observamos a estratégia de não vinculação a um tempo e a um espaço, de modo que as vivências não são diretamente contextualizadas. Aqui, tem lugar o fantástico, espaço de invenção.

## REFERÊNCIAS

DERY Mark. **Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose” in Flame Wars: the discourse of cyberculture.** Durham: Duke University Press, 1994

UCLA. **Afrofuturism: From the Past to the Living Present** . UCLA Magazine's. 2020. Disponível em: <<https://newsroom.ucla.edu/magazine/afrofuturism>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

TWIGS FKA. **Sad Day**. 2020. (7:30 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IxGDNRE-2c0>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

TWIGS FKA. **Cellophane**. 2019. (1:21 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YkLjqFpBh84>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CHLOE X HALLE. **Forgive Me**. 2020. (3:07). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=Bc9Y58TeZk0>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CHLOE X HALLE. **Ungodly Hour**. 2020. (3:22). Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=OwZ\\_hodT5CA](https://www.youtube.com/watch?v=OwZ_hodT5CA)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FONTGALAND, Arthur & CORTEZ, Renata. 2015. "**Manifesto ciborgue**". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/manifesto-ciborgue>>

FREITAS Kênia, MESSIAS José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente**. Belo Horizonte: Revista de La

Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, 2018.

RIBEIRO, Djamila, **Quem tem do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

JANELLE, MONÁE. **DIRTY Computer**. Alan Ferguson. Estados Unidos: Youtube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jdH2Sy-BINE>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SUN RA. **Space Is the Place**. John Coney, Sun Ra, Joshua Smith. 1994. Estados Unidos. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=LyMAu1goIMU>>. Acesso em: 24 jun. 2022.